

T
32
P

Processos Grupais

Para

22/09/17

Weissmann, Lisette

Armando a Família

Armando a Família

In: Gomes, I.C. Atendimento

Psicanalítico de Família

Lisette Weissmann

SP: Zagodoni, 2014 pp. 29-60.

Hoje, antes do alvorecer, subi em uma colina e olhei o céu e as constelações. E perguntei ao meu espírito: Quando abraçarmos essas orbes, quando tivermos o prazer e o saber de quanto nelas há, sentir-nos-emos realizados e satisfeitos? E o meu espírito respondeu: Não, se alcançarmos esses cumes é só de passagem, é só para continuar mais além. (Walt Whitman, em *Canto de Mim Mesmo*)

Na proposta de compartilhar e abrir minha clínica para o leitor, fico pensando nesta instância como um espaço de troca, de entrecruzamento de dúvidas, de avanço e retrocesso no processo de analisar sujeitos que apresentam uma queixa e vêm nos pedir auxílio. A escrita opera nessa instância como um terceiro, como a possibilidade de estabelecer um intercâmbio com o leitor, sujeito outro de mim, sujeito diferente, que demarca um espaço de alteridade não passível de ser transposto. A escrita e aqueles a quem ela é dedicada colocam-me na busca por compartilhar aquilo que faço no dia a dia e que nesta hora ganha força para ser discutido, debatido, confrontado com a teoria, com outras técnicas clínicas e com os parceiros nesta rica e profícua tarefa de ser analista.

el

O trabalho na Psicanálise Vincular é um novo perfil de atuação clínica que trabalha no campo analítico o vínculo com o paciente. Não se trata de pensarmos no sujeito específico, Pedro, Susana e Cristina, e sim daquilo que é organizado entre eles e os une no relacionamento. Porém, estamos tentando abrir um leque que foca um trabalho feito entre as quatro paredes do consultório, mas que traz muita reflexão a partir da teoria psicanalítica, especificamente nesta oportunidade na Teoria das Configurações Vinculares, e o que no paciente o vínculo implica. No trabalho vincular, pacientes e analistas encontram-se no campo analítico para juntos, e ao mesmo tempo posicionados em lugares diferentes dentro do vínculo, estabelecer também um novo laço dentro do consultório que possa assim escrever a história sobre o que fazer vincular. Trabalho analítico por um lado e trabalho vincular por outro, ambos interagindo na arena psicanalítica da consulta vincular.

Caso clínico

Telefona-me uma senhora, encaminhada por um colega, pedindo um atendimento familiar. Combinamos dia e horário depois de várias ligações, dada à dificuldade de eles conseguirem se encontrar para virem à consulta.

Quando abro a porta do consultório vejo um grupo grande me aguardando. Recebo a mãe Susana, o pai Pedro, a filha Cristina, de 22 anos, Gonzalo, de 11 anos, Tomas, de 9 anos, e Rosângela de 4 anos. A mãe, Rosângela e os dois filhos homens são de estatura baixa e de cor parda, o pai e Cristina são brancos.

A mãe é quem começa a falar: "A gente está vindo por causa do Gonzalo que tem problemas de relacionamento na família. Ele não se relaciona bem com todos, tem problemas na escola também. Viemos para pedir ajuda, pois é difícil educar os filhos".

02

Esse começo nos indica um paciente designado como portador da patologia. Parece que Gonzalo os traz à consulta, desse modo, os outros membros da família não ficam implicados com o problema, e a fantasia é que resolvendo o problema chamado "Gonzalo" se resolveria o problema de todos. Iniciaremos, então, um trabalho árduo no atendimento à família, que denomino como sendo a construção do paciente-família. Uma família não decide ir à consulta como uma entidade que se reconhece como portadora de angústia, que precisa ser escutada. Porém, o paciente vincular tem de ser construído dentro da consulta entre analista e pacientes. A possibilidade de assumir uma dificuldade vincular familiar precisa de um processo para ser reconhecido pelos membros da família e pelo grupo familiar como um todo. Isso coloca a família em uma situação de conflito vincular, constituindo um momento de vínculo que denota um mal-estar vincular. Lentamente, o foco do trabalho começa a abandonar o paciente designado para se constituir em uma rede familiar que denuncia uma situação específica que precisa ser ouvida e contida no consultório para se conseguir aliviar o mal-estar vincular que a percorre. No trabalho terapêutico, a família vai percebendo a dor que os atravessa e os faz procurar ajuda. Nesse processo, a atenção terapêutica se dirige ao vínculo familiar com seus déficits relacionais. O vínculo está conformado pelos sujeitos que fazem parte dessa família e o laço que os une em uma estrutura vincular.

Pai: "Na família não temos muito a reclamar, o problema de Gonzalo é que é difícil para ele escutar um não. Esses dois (refere-se aos dois filhos homens em tom de menosprezo), quando dizemos não, eles dizem não, mas... eles têm que aprender a ouvir um não."

Escutamos um pai que denuncia uma situação familiar de falta de limites, ao mesmo tempo em que traz à tona o exercício falido da função paterna, já que a aceitação da frustração e os limites, inerentes à tal função, parecem não ter sido

transmitidos por ele no contexto familiar. Se dois filhos não conseguem aceitar um limite, uma frustração, uma negação, isto nos faz perguntar em que ponto esse pai estaria implicado? Defrontamo-nos com um pai que aceita a falha, mas não parece se sentir parte dessa situação; isto parece ir além dele mesmo.

Os pais vêm à consulta denunciando a impossibilidade de se fazer donos das funções que lhes foram outorgadas pela genealogia, por terem tido descendência, constituindo-se como pais não só biologicamente, mas também subjetivamente e essa última função é a que eles não conseguem aceitar.

Mãe: "Estou cansada de repetir, não tenho tanta paciência para repetir: Vai tomar banho!, Escovem os dentes!, Usem o aparelho! Embaixo de nossa casa moram o pai e a mãe dele (aponta para o esposo) e mesmo a avó não tem autoridade, já que eles fazem o que querem com ela."

Pai: "Esses faltam com o respeito um pelo outro, um irmão ofende ao outro, estão os dois errados."

O pai nos fala da falta de respeito, desrespeitando ele mesmo os filhos, nomeando-os desdenhosamente como "esses", parecem não ter nome para ele. Sabemos da importância da nomeação por parte do pai como lei que inscreve os filhos na cultura, e esse pai se denuncia ao atuar a dessubjetivização a qual os filhos se vêm submetidos. Presenciamos no aqui e agora da consulta um duplo discurso: por um lado se denuncia uma situação de abuso e falta de respeito verbalmente, por outro, atua-se ativamente a falta de respeito.

Gonzalo: "Cada um tem seu lado, ele me xinga e eu revido; se eu não falo nada, o outro também."

As palavras de Gonzalo ecoam no vazio, ninguém o escuta; é como se ele não tivesse aberto a boca. Eu fico pensando em como ele não é ouvido pelos outros e é ignorado. Até agora a única fala que tem espaço é o reclamo parental

que parece se autorizar a ser colocado como eixo da consulta. Os pais aparecem como os únicos que têm razão, e ninguém mais parece ter direito a dizer palavra alguma.

Pai: "Eles se ofendem por nada, se chamam de burro, dizem palavrão. Eu fico chateado; eu pago o colégio deles com meu esforço e eles ficam desinteressados pelos estudos. Tomas tem um bom relacionamento com Cristina, mas Gonzalo não. Esses aqui também, a avó deles não consegue lidar com eles, eles fazem o que querem."

Mãe: "Ele é o padrasto de Cristina, que é minha filha de um casamento anterior, eles são os únicos que têm diálogo. Mas todo mundo se dá bem com Rosângela; ela é a mimada da família, nosso xodó. Eu reclamo por causa da alimentação que Pedro dá aos filhos, sempre comprando salgadinho."

Gonzalo: "Isso também humilha a minha avó, porque ela é a que cozinha."

Pai: "Eu concordo que salgadinho não é comida, mas é o mais rápido".

Mãe: "A avó dá tudo na mão deles, lanche, pipoca, tudo".

Pai: "Eu deveria falar para minha mãe, mas é difícil, eu não posso faltar com o respeito por ela."

Parece-nos escutar uma lógica de respeito para com a geração dos avós; a avó seria a única a ser respeitada nesta família, já que os outros membros não são ouvidos e são menosprezados. No tom de voz e na forma de nomear cada um, o pai maltrata os outros utilizando a crítica constante. Ele parece não conseguir se fazer ouvir pela outra geração como alguém a ser respeitado no lugar paterno. A avó continua sendo a detentora do poder e do saber e indica a forma de criação dos netos. Podemos inferir que esses pais não têm se constituído subjetivamente como pais, adultos responsáveis pelos próprios filhos, já que parecem tê-los entre-

gado nas mãos da geração anterior, ficando sem voz nem responsabilidade para dirigir a educação dos próprios filhos.

Gonzalo: "Nós comemos o que a avó nos dá".

Mãe: "Eu não falo com minha sogra por respeito. Eu não estou em casa o dia todo; sempre quis criar filhos independentes. Não tive pai, minha mãe trabalhava o dia inteiro e os filhos tinham que se virarem sozinhos; eu os incentivei a irem à luta."

Vemos como aparecem mandatos de gerações anteriores que tingem o vínculo desses pais com os filhos. A mãe dessa família parece não ter percebido que o tempo passou e que as gerações mudaram, colocando-a em um lugar adulto, materno, agora sim com a potencialidade de dar uma cor própria à forma de criação dos filhos dela. Parece se sentir ainda ocupando o lugar de filha, a partir do qual só se permite repetir o cuidado que ela recebeu. Tanto Susana quanto Pedro repetem intersubjetivamente modelos familiares antigos, sem terem se dado permissão de abandonar, na fantasia, as famílias de origem a fim de constituírem a deles. Ambos parecem não ter conseguido ocupar seus espaços feminino e masculino, respectivamente, já que "a masculinidade e feminilidade se instituem também a partir do vínculo entre homem e mulher através das práticas de casal" (BERENSTEIN, 2001).

Na resolução do complexo de Édipo da mulher sempre fica um resto que a deixa atrelada a sua mãe e a sua própria família, resto que se espera ser abandonado ao se casar, quando o esposo pode ocupar o lugar simbólico do pai para proibi-la, confirmando, pela segunda vez, a proibição do incesto e permitindo-a abandonar o lugar infantil de menina na estrutura parental. Dessa forma, o esposo como homem na função paterna estaria colaborando na resolução dos restos edípicos que permitiriam a esposa, agora transformada em mulher, a se constituir em conjunto com o homem um casal atravessado pelo desejo.

Estamos descrevendo a **primeira entrevista** de escuta clínica de um atendimento familiar. Por se tratar da primeira entrevista, tento só perguntar para esclarecer situações que não estavam claras, mas não faço muitas intervenções terapêuticas. Nas primeiras entrevistas começa a se configurar o vínculo terapêutico entre analista e pacientes, sendo importante se estabelecer uma empatia que permita o trabalho em conjunto. Eu vou delineando, para mim mesma, várias hipóteses diagnósticas para tentar estabelecer um perfil vincular da família e assim compreender qual é a queixa da consulta. Esse perfil também norteia minhas perguntas permitindo o aparecimento das cenas fantasmáticas que mais preocupam os que procuram por terapia e impedem a compreensão e o crescimento do núcleo familiar.

Na entrevista, senti que os pais ocupavam todo o espaço da consulta reclamando constantemente dos filhos com críticas e cobranças; em nenhum momento deram aos filhos a possibilidade de se expressarem ou de compartilharem o ponto de vista deles sobre a problemática familiar. Decido pedir-lhes que se apresentem e digam o que acontece com eles. O ato de outorgar a palavra aos filhos desenha um campo subjetivo em que essa terceira geração pode ser escutada. Por outro lado, a analista aparece como um terceiro que dá voz e escuta os sujeitos silenciados da família, fazendo com que os pais também escutem o que os filhos têm a dizer, situação esta que até o momento não tinha acontecido. Como vemos, as hipóteses diagnósticas sem ser explicitadas dirigem as perguntas do analista, estabelecendo e tentando imprimir outro direcionamento ao discurso familiar. Podemos pensar que já estaria operando uma lógica diferente à familiar; no momento em que o analista intercede, muda a direção do discurso e da palavra daqueles que estavam em silêncio, de acordo com a lógica desta família.

07 *Analista:* (olhando para os filhos) "E vocês, eu gostaria de ouvir vocês".

Cristina: "Eu sou vendedora, trabalho em uma loja vendendo artigos de livraria."

Gonzalo: "Eu piorei na escola, nós mudamos de escola este ano e na outra escola tinha melhores notas."

Tomas: "Eu também estou com notas baixas neste ano".

Rosângela: "Eu faço desenhos na escolinha e brinco com os amigos."

Gonzalo: "Em minha aula somos 40 alunos e eu me sento atrás".

Mãe: "Você conversa na aula".

Gonzalo: "Eu pedi para a professora me pôr na frente, mas ela nem quis me ouvir. É difícil conseguir se organizar sentado lá atrás. Uma menina conseguiu que a mudassem de lugar, pois o pai enviou uma cartinha para a professora".

Tomas: "Eu não consigo ler a lousa".

Mãe: "Vou levar ele no oftalmo".

Tomas: "Quando a professora sai da sala eu converso, quando ela pede para parar eu paro".

Gonzalo: "Eu não converso sozinho, todo mundo conversa e a professora só enxerga ao bobão, eu sempre me ferro, meu lugar é ruim".

Analista: "Parece que os dois se sentem injustiçados na aula, sem apoio para melhorar na escola".

Gostaria de voltar a refletir sobre a pergunta feita pela analista para habilitar a palavra dos filhos desta família. Na formulação da pergunta, procuro fazê-la de maneira aberta já que dessa forma estaria legitimando os sujeitos a se expressarem livremente e a estruturar e deixar aparecer, desse modo, o discurso familiar. Esse discurso é construído pelos sujeitos e as interações entre eles, estruturando-se, assim, um discurso único que os une dentro da unidade familiar da qual fazem parte. Não estaríamos focando os discursos individuais e sim o discurso vincular

08

organizado a partir das falas dos sujeitos que o compõem, mas em interação entre eles. Estrutura-se, então, um discurso de todos, no qual cada um tem um lugar a ocupar e é entendido em seu conjunto, como se fosse um único discurso. Podemos nos interessar pelas histórias singulares dentro dos atendimentos familiares, mas só para trazer luz sobre o conjunto familiar que monta um discurso para pôr em cena os fantasmas e as fantasias familiares que os incluem e englobam a todos. Pensamos que talvez esses sujeitos em outros vínculos poderiam armar outras falas, já que estariam interagindo em outros vínculos que os organizam e estruturam de forma diversa.

Quando a analista faz a pergunta, abre um campo novo no discurso familiar, já que abre um espaço no discurso para a geração dos filhos, dando, nesse momento, voz aos filhos e colocando os pais em uma posição de escuta, situação que parece difícil de se mostrar sem uma intervenção externa. No momento em que os filhos falam, os pais são obrigados a escutar. Essa é uma das funções do psicanalista na posição analítica de terceiro, uma vez que delinea um campo de escuta diferente dentro do discurso familiar.

Depois da fala dos filhos, a analista faz uma intervenção na qual deixa clara a incompreensão a que esses filhos se vêm submetidos. Dessa forma, fica explícita a falta de escuta subjetiva a que eles se sentem atados, tanto na escola quanto na família. Talvez a intervenção terapêutica venha agir como estímulo para uma mudança da escuta dos pais, na tentativa de modificar o vínculo familiar. Podemos perceber uma mudança na direção do discurso e no tom em que este aparece. O tom nos diz agora da dor que os atravessa, e parece uma fala da qual cai um véu e os sujeitos se apresentam mais frágeis e humanos, aceitando as falhas como pertencendo ao gênero humano. Algo da castração parece fazer parte neste momento do discurso familiar.

Pai: "No ano passado eu tive um problema de saúde, entrei em depressão, a médica me afastou do trabalho; agora já consegui dar a volta por cima. Eu estudava e trabalhava e parei de estudar. Dormia 3 horas por noite e começou a me dar uma tremedeira, crise de choro, emagreci, eu não descansava". (Rosângela senta no colo do pai, enquanto ele está falando.)

Gonzalo: "Eu fico mal se meu pai paga a escola e eu tenho nota baixa".

Pai: "Mas ele começou a recuperar, tinha quatro DPs e recuperou; tomba, cai e recupera. Eu fiz além do que podia, eu sou ansioso; hoje acordei 4h30 para vir aqui às 8 horas; não gosto de atrasar. Eu sou exigente e me cobro muito".

Mãe: "Ele me busca no trabalho e sempre está preocupado com o horário".

Pai: "Eu fico muito preocupado com o trabalho dela para não atrasar".

Mãe: "No trabalho anterior dele, ele também abraçou muito mais funções que podia".

Pedro: "Comigo não tem preguiça".

Mãe: "Ele queria ajudar no trabalho tomando conta de tudo, e as pessoas perdem o respeito".

Gonzalo: "É bonzinho demais".

Pai: "Não, tão bobo não".

Analista: "E você, Cristina, você acompanha a conversa familiar, mas não fala quase nada".

Pedro: "Ela fica no Facebook" (risos dos irmãos). (Rosângela senta no colo de Cristina nesse momento.)

Mãe: "Ela precisa de um tempo; no início sempre fica reconhecendo o campo até se sentir à vontade. Ela não quer desagradar o outro". (Cristina permanece calada, sorridente, aceitando as razões que a mãe e o padrasto dão para seu silêncio.)

Rosângela: "Eu brinco e faço carinho em todo mundo".

Combinamos os honorários e marcamos uma segunda entrevista.

Vemos como no final da entrevista aparece um discurso familiar que se abre como uma rede na qual os sujeitos se entrelaçam: o pai fala de sua posição subjetiva deprimida e Gonzalo se soma à tristeza falando de suas notas baixas. Será que isso inicia um impasse no qual se abrir é necessário para dar conta das perdas? Sobretudo da perda da onipotência e do poder sem limites, que por momentos para essa família parece ser viável. Se não conseguem "abraçar o mundo" sem limites onipotentemente, sentem-se no lugar de bobões. Volta a aparecer a falta de respeito como significado que os atinge, agora vindo de fora, do trabalho do pai, colocando-o em um lugar de menosprezo. Parece que o denominador comum desse discurso diz respeito a não serem ouvidos, apreciados e valorizados pelos outros e por eles mesmos. Uns invadem a fala dos outros. Cristina consente nas razões que os adultos dão para ela não intervir, apesar de ficar o tempo todo muito atenta ao que está sendo dito entre eles, situação esta que contraria o que os adultos disseram para justificar seu silêncio.

Fecha-se o trabalho com uma mudança no tom acusatório que parte de quem é detentor do poder e de todos os saberes; a aceitação da perda, dos limites e daquilo que não podem conseguir. Algo da falta é aceito e colocado sobre a mesa familiar no discurso vincular durante o atendimento.

Na escuta vincular psicanalítica é muito importante acompanhar o devir do discurso tal como os sujeitos o vão trazendo, respeitando o relato familiar, que em cadência se constitui e vai se apresentando na clínica. Considero muito importante não se adiantar a fazer perguntas indagatórias tentando preencher dados em forma de anamnese, pois esse é um conhecimento que pertence a outro espaço, não ao psicanalítico e ao vincular. Talvez na pressa de estruturar uma árvore genealógica ou de buscar as causas do sofrimento que os sujeitos trazem não se respeite

o material tal como aparece e se force o relato baseado em dados, sem aguardar o tempo do discurso familiar. Dessa forma, e com esta proposta, estabelecemos um exercício clínico de respeito aos sujeitos e ao material que vai aparecendo na consulta.

O trabalho de debelar o significado do discurso e seus significantes é um caminho de passos curtos em que vamos estabelecendo hipóteses que podem ir corroborando ou anulando-se no devir do trabalho clínico.

Isidoro Berenstein reflete sobre a forma como os analistas pensam o material clínico e os vícios psicanalíticos acarretados, o que impediria o aparecimento de novos conteúdos no material clínico que os pacientes trazem.

Os antecedentes... permitem pensar com antecipação o material e, como terapeutas, então, nos iludimos com um saber anterior ao material que irá aparecer. Isso tem alguma vantagem já que nos permite recortar o que pensamos que é "material". Condiciona-nos na tendência a achar o que procuramos de acordo com as hipóteses gerais que fizemos com base nos antecedentes e não no que vai ser encontrado, no inesperado e surpreendente do material, que geralmente traz novidade quando é mantido um tempo a salvo de ser envolvido com hipóteses explicativas prévias. Os antecedentes configuram um "passado" que determina (e frequentemente confirma) o "presente" da produção em que mais ou menos se buscou que fosse concordante com os antecedentes... É tão forte o costume de procurar os "antecedentes", que se o material da sessão fosse apresentado sem eles, nós ficaríamos tentados a adivinhar qual é a situação, a idade dos pacientes, o lugar de parentesco, a problemática prévia. Deixaríamos de escutar o que está acontecendo no presente da situação. (BERENSTEIN, 2011, p. 10)

Na segunda entrevista comparecem os seis membros da família e o pai começa falando das discussões que se dão entre os dois filhos, nas quais um provoca o outro, só brigam e discutem. Disputam pelo programa de TV, brigam se dando

tapas e Tomas descreve as brigas dizendo que Gonzalo "não para, não para, não para". Pergunto sobre as brigas para tentar ver quais são as hipóteses que eles trazem como família sobre os motivos que as produzem.

Surge novamente a queixa familiar que gera mal-estar e dor; os vínculos parecem estar atravessados por um conflito que se apresenta no formato de brigas de dois membros da família, mas que geram um mal-estar em todos os componentes do grupo familiar, criando um clima que os irromoda. Esses conflitos vinculares parecem ser só a fachada de um conteúdo inconsciente que eles estariam encobrindo. Aparece aqui uma questão que leva ao descobrimento de novos significados. Essa questão fica em aberto para se continuar pensando e tinge o clima da sessão.

O termo *clima emocional vincular* foi criado quando os analistas vinculares perceberam que os conceitos de transferência e contratransferência, utilizados na análise tradicional, pareciam não dar conta da situação clínica vincular. Algo escapa da transferência e contratransferência, visto que nos deparamos com vários sujeitos em transferência, criando transferências cruzadas que atingem todo o contexto vincular; este clima inclui todos os sujeitos que fazem parte desse vínculo e o analista fica atravessado por ele, já que faz parte do contexto vincular criado na consulta familiar. O termo clima é usado, tal como na geografia, para dar conta de uma situação vincular que engloba o entorno e vai além dos sujeitos individuais, e que nenhum deles pode se subtrair dessa situação que parece anterior às palavras em um registro mais primário, dando conta de uma construção vincular.

Os autores Janine Puget e Isidoro Berenstein descrevem o clima emocional vincular no campo terapêutico como:

O conjunto de emoções e sentimentos funcionando como sustentação de certas interações e difícil de traduzir em palavras. É a síntese de uma zona de encontro imposta

aos egos e a qual é impossível se subtrair de não mediar algum elemento modificador. (BERENSTEIN, PUGET, 1988, p.156)

No discurso, o significante que surge com força é o de "não parar" e parece denunciar uma falta de limites em que ninguém pode conter o outro, eles são impossíveis de serem parados. Se não emergem os limites como freio aos impulsos dos sujeitos, estes parecem desconhecer o significado da frustração, pois talvez a fantasia indique que não existe frustração alguma. Os dois filhos homens atuam nas brigas a falta de contenção e sustentação que os pais não dão a eles. Novamente a função parental aparece falha e esburacada.

Pai: "Alguém tem que abrir mão para que as brigas parem."

Gonzalo: "Quem, eu?"

Mãe: "Você gosta dos programas de TV de seu irmão, poderia liberar ele e assim resolveríamos. Gonzalo é igual ao pai e Tomas é igual a mim, Gonzalo gosta de aventura, Tomas gosta mais de conforto. Eles são diferentes e têm que se respeitar um ao outro."

Esses pais estão tentando dar resposta à pergunta aberta sobre o porquê das brigas. Mas talvez utilizem clichês que não respondam à pergunta, pois a questão continua em aberto. Algo novo aparece nesse ponto do discurso e é a voz de Cristina. Aquela voz silenciada aparece para fazer uma denúncia que nos permite questionar e ir além das respostas repetitivas que os pais dão a si mesmos. Talvez a pergunta que ficou em aberto na primeira entrevista sobre o silêncio de Cristina começa a ser respondida agora, tentando contestar o porquê das brigas.

Cristina: "Gonzalo não gosta de ficar sozinho."

Pai: "Ele tem medo. Na hora de dormir ele foge para a cama da avó." (Rosângela senta-se no colo de Gonzalo.)

Cristina: "Se Tomas desce, então Gonzalo desce também."

Pai: "Ele dorme na cama da avó."

Gonzalo: "Dormir não, só converso com a avó. Eu não consigo dormir direito, acordo mais cedo, igual meu pai que acorda cedo para ir trabalhar, durmo e acordo. Tomas puxou mais a mãe."

Mãe: "Ele nunca dorme a noite inteira."

Gonzalo: "Eu acordo."

Pai: "Ele tem medo."

Tomas: "Ele vê escuro e vai para a cama da avó."

Rosângela, como a caçula da família, adota a conduta de ficar sempre no colo daquele membro da família que está angustiado, naquele específico momento da sessão; ela parece tentar obturar a emergência da angústia, ou talvez não a tolere.

Vemos como através da voz da Cristina aparecem novos conteúdos no discurso familiar. Aparecem os fantasmas familiares na forma do medo ao desconhecido e é uma avó quem se encarrega de resguardar o neto dos medos. Defrontamos, neste ponto, com um deslocamento de algumas posições familiares; a avó parece ocupar lugares que os pais deixam vazios.

Esse lugar ocupado pela avó, na Teoria das Configurações Vinculares é nomeado de quarto termo, ou lugar do *avúnculo*, lugar correspondente ao representante da família de origem que deveria estar barrado dentro da estrutura familiar inconsciente. Representa os restos edípicos pertencentes a ambos os pais que surgem encarnados por uma avó, que ocupa um lugar que geralmente aparece ocupado pelas figuras parentais. Vemos como a função paterna não tem sido exercida aqui, a fim de barrar os sujeitos das famílias de origem para constituir um cerco que delimite o espaço específico e especial desta família, sem deixar entrar

quem não pertença a ela. Também denuncia pais que ocupam o lugar parental de forma falha, visto não conseguirem abandonar o lugar de filhos perante as próprias figuras parentais. Porém, um sujeito que não consegue abandonar o lugar filial não pode se posicionar em um lugar parental, pois ainda continua sendo filho e os pais dele continuam sendo aqueles que ocupam o lugar parental. Uma ruptura tem que ser produzida entre as gerações para gerar uma nova família, se não for assim, os netos apareceriam colando-se nas famílias, de origem dos pais como filhos também, mas dos avós, neste caso.

O conceito de quarto termo é tomado emprestado da Antropologia Estrutural de Claude Lévi-Strauss. O autor define o *avúnculo* como o representante da família de origem que participa da estrutura familiar gerando dificuldades para se conformar como uma nova família inaugural. Aparece a família estendida fazendo parte da família nuclear, sem ter surgido uma delimitação das diferentes famílias e diferentes gerações. Porém, os lugares parentais continuam sendo exercidos por aqueles que não conseguiram abandoná-los, e que também não foram vetados deles.

Nessa sessão, relatam as brigas matinais e o tom briguento no qual a avó também se insere.

Mãe: "A fala parece em tom de guerra, a avó também grita, tudo é em tom de guerra. Eu os mando tomar banho e nada acontece, cansei de pedir, quatro vezes. Eles não dormem em casa, eles dormem na casa da avó. Não tem espaço para eles em casa, moramos no andar superior do sobrado da avó, eles só dormem lá. Eu não queria incomodar ela."

Surge agora no discurso o significado que estava escondido: esses dois filhos foram expulsos para a casa da avó. A pergunta que persiste é por que esses pais têm se sentido na obrigação de presentear a avó com os filhos deles? O clima

familiar parece estar norteado pela avó e sua forma de criação dos filhos. Vemos uma mãe inoperante nessa família, já que o lugar dela está ocupado pela avó e um marido que não habilita essa mulher a ocupar o lugar de mãe, deslocando a sua própria mãe desse lugar. Por que será que esse pai precisa presentear a sua própria mãe com seus filhos, anulando a si mesmo e a sua esposa do lugar parental?

Mãe: "Rosângela dorme com Cristina, eu não quero que ela durma com os meninos, pois é mulher."

Tomas: "Gostaria de nem ligar mais para minha avó."

Mãe: "A mãe teria que acordar vocês, mas como vocês estão na casa da avó, a avó faz a obrigação de mãe."

Emerge aqui uma discriminação do lugar filial pelo sexo, as filhas mulheres não se misturam com os filhos homens. A sexualidade se apresenta como ameaçadora para essa família, porém, preferem obturá-la para negar que existe a diferença dos sexos entre eles.

A mãe percebe o deslocamento do lugar materno, mas se sente impossibilitada para exercer seu lugar materno. Algo do silêncio dela aparece como incógnita, já que deixa vago seu lugar de mãe. Em alguma medida respondeu quando contou como funcionava sua mãe com ela, que a deixava sozinha sem proteção, e talvez repita um modelo familiar de mãe omissa que deixa vago seu lugar e sua função materna. Ao não ter recebido o acolhimento materno, não sabia como propiciar o mesmo a seus filhos. Por outro lado, temos uma diferença estabelecida entre os filhos homens do atual casamento que dormem na casa da avó e as filhas mulheres, tanto a filha do casamento anterior da mãe quanto a filha deles que dormem do lado do casal parental, não tendo sido "expulsas" da família. Os filhos biológicos do casal parental são expulsos da casa parental, e a filha com outro pai biológico

da mãe é incluída na casa parental bem como a filha biológica. Incluir a filha não biológica parece ser contraditório com a genealogia, mas isto fica em aberto para continuar a ser analisado.

Pai: "Deveríamos fazer um quarto para eles, dividir a sala e fazer outro quarto." (Trocamos ideias de como achar mais espaço na casa deles.)

Mãe: "Os mudamos para abaixo, só para eles dormirem lá embaixo, mas não dá certo. Temos que trazer as crianças de volta para casa, mesmo dormindo no chão."

Pai: "Ou que durmam no sofá, mas se temos eles conosco, eles vão estar no nosso controle."

Esta é uma ocasião muito importante dentro do trabalho clínico com esta família. Defrontamo-nos com algo novo dentro da estrutura familiar; poderíamos chamar este momento de mudança significativa e de aparecimento de um novo devir familiar. Os pais parecem se apropriar dos lugares parentais, fazendo-se donos dos mesmos, trazendo os filhos para perto deles e quebrando com a estrutura familiar anterior que os deixava sem lugar para exercer suas funções.

O lugar do analista, de terceiro que denuncia uma estrutura falha, parece ter sido efetivo neste momento, pois eles rapidamente podem imaginar como suprir a carência inicial. Estamos diante de um instante de modificação da estrutura familiar inconsciente, já que aparecem novos desenhos dentro dela. Frente à possibilidade de deixar claro o significado inconsciente das brigas, os sujeitos que fazem parte da estrutura familiar se modificam, alterando também o formato de funcionamento inicial.

Na psicanálise de família, sempre surge a pergunta sobre o que é que muda e se modifica, já que não se trata de um sentido só, mas de um conjunto de sentidos que os sujeitos estruturam na forma de uma rede, que dá sustentação e sentido in-

consciente à estrutura familiar, aparecendo no nível consciente do relacionamento entre deles. Na análise individual se modifica o sentido através da representação que se une com o significado inconsciente, voltando a estruturar uma cadeia que estava quebrada e com vazios que a deixavam sem sentido. Na psicanálise vincular, o que se preenche de sentido é a rede vincular inconsciente, modificando assim os relacionamentos conscientes entre os sujeitos. O surgimento de novo ponto de vista inconsciente modifica a estrutura.

Não temos como permanecer idênticos a nós mesmos depois de ter passado por uma situação de encontro. Não há uma maneira de permanecer inalteráveis ao outro, já que a transformação subjetiva não é uma decisão teórica, mas um efeito subjetivo inevitável. O encontro com o outro altera, transforma, destitui saberes e institui novidades, e essa afetação gera transformações na subjetividade, além de toda a coagulação da identidade... supomos um sujeito permanentemente em mudança e transformação, sujeito em devir. (GASPARI, WAISBROT, 2011)

Dentro do processo clínico

O material clínico é sempre uma criação do analista, pois o recorte e a ênfase empregada em situações vivenciadas no consultório é uma escolha do analista.

Porém, continuarei minha exposição com alguns trechos do trabalho que seguem eixos que foram sendo construídos na intersubjetividade do devir clínico. Tentarei também dar algum sentido às escolhas do material que vou expor, sabendo sempre que se trata só de hipóteses que o analista elabora e que foram se confirmando ao longo do trabalho conjunto. Também no registro daquilo que foi falado e sentido emerge o analista oferecendo sua escuta analítica, assim como seu psiquismo para interagir com o psiquismo dos pacientes, estruturando

um devir conjunto na consulta vincular. Falamos assim de uma construção clínica intersubjetiva, na qual todos os sujeitos se encontram fortemente comprometidos e implicados, mas com uma diferença na posição de cada um deles. O analista no lugar daquele que tenta por meio das hipóteses e interpretações para clarificar o conteúdo inconsciente dos vínculos que se tecem na consulta; e o paciente trazendo sua queixa para ser revelada e esclarecida, situação esta que os deixa com maior liberdade de escolha e de ação na vida, e no cotidiano. Essa desigualdade de posicionamentos estrutura um vínculo com lugares estabelecidos, orientados por uma teoria da técnica no trabalho clínico, mas sempre dentro da intersubjetividade, já que todos são protagonistas do devir terapêutico.

Na nona sessão da terapia, Rosângela não vem, fica em casa, e eles começam falando sobre os problemas que os filhos têm na escola. Depois o pai reclama da demora dos filhos em ficarem prontos para ir para escola e como esperam que ele tome conta de tudo.

Pai: "Eu acabo sendo chato, mas não tenho que cuidar de tudo. Tem que existir um limite."

Analista: "Qual seria o limite que você estabeleceria nesta situação?"

Pai: "Eles têm que estar prontos na hora em que temos que sair para a escola. Eles querem ir à escola de ônibus, mas não têm idade para andar de ônibus. Na vida deles se faz o que eu quero e o que a mãe deles quer. Com a idade que eles têm não é hora para andar sozinhos de ônibus. Eles têm que saber ouvir um não, só querem ouvir sim."

Analista: "Quais são as normas que vocês dão para eles?"

Mãe: "Eles têm que colaborar em casa, ficam rindo e não respeitam. Estamos tentando educar, eu ponho os dois de castigo sem computador e sem *video game*. Gonzalo nunca respeita a data de entrega dos trabalhos na escola e isso é falta de

responsabilidade. Eu falo para ele e me enfrenta, diz que sente raiva, mas eu não me conformo deles me afrontar, chamo a atenção deles e a avó os desculpa."

Pai: "Eles me acompanham no café da esquina e não têm educação, não sabem aguardar quando eu estou falando com outra pessoa."

Gonzalo: "Ele apressa a gente e depois enrola."

Tomas: "Eu não gosto quando o pai encontra com uma pessoa."

Analista: "Parece ser que vocês não podem aguardar e respeitar o tempo que o pai precisa no café."

Pai: "Eu não sou pessoa da rua, cumprimento as pessoas que conheço."

Mãe: "Se você conversa com alguma pessoa Gonzalo entra na conversa e dá palpite. Ele tem que respeitar as hierarquias, eu não sou um coleguinha dele."

Cristina: "Quando eles eram mais novos, eu colocava limites neles."

Tomas: "Cristina bate em Gonzalo. Rosângela, em mim."

Mãe: "Cada um conquista seu espaço. Eu não tive pai, minha mãe não dava moleza não."

Tomas: "Coitada de você."

Mãe: "Como eu trabalhava, deixava a autoridade para Cristina. Agora peço para a sogra, mas ela quer do jeito dela."

Analista: "Pedro, quem marcava os limites para você?"

Pai: "Eu matava aula e meus pais batiam em mim."

Mãe: "O pai de Pedro sempre trabalhou fora, bebia e chegava bêbado. Ele não tinha pai, a mãe escondia as coisas do pai, nem dava participação ao pai. O pai dava pouca atenção à família. O pai escondia a chave do carro de Pedro e a mãe dava a chave a ele."

Analista: "Talvez hoje vocês estejam pensando aqui como serem pai e mãe, além dos modelos que tiveram."

Mãe: "Pedro é do extremo, ou é estúpido ou meloso, não sabe dosar. Eu nunca mais vi meu pai, ele trabalhava numa feira, nunca estava no mesmo lugar. De criança tinha a fantasia de conhecê-lo, mas agora não vou procurar. De criança você precisa do pai para a vida, depois não precisa. Talvez faltasse para mim alguma coisa, uma figura de apoio, eu falo para Pedro que eu sou mais forte, pois me criei me defendendo sozinha, eu não tinha pai para me defender. Minha mãe foi uma mulher sem marido e tinha que se impor. Pedro sempre foi de fazer tudo por você e eu relaxei. Eu criei a Cristina sozinha, separei do pai e nunca ganhei pensão, só cobrei dele presença para que não tenha um pai ausente como o meu, já que ela tem o pai; na hora que ela precisa ela está bem amparada.

Nesta sessão vemos como Pedro e Susana estão desenhando e pensando que figura parental eles querem ser para seus filhos. Ao se lembrarem dos próprios modelos é que podem escolher como ser, individualmente, mas, sobretudo como casal parental, um aponta ao outro erros e virtudes, a fim de se constituírem na mutualidade. Presenciamos a criação de vínculo dentro da intersubjetividade na consulta. Tentam deixar para trás modelos em desuso e estruturar novas formas de cuidar dos filhos, escolhidas por eles mesmos.

Eles se defrontam com a ausência da função paterna nos modelos vividos, já que estes se guiavam só pelo gosto pessoal de cada um. Aqui aparece como cada um não pode impor os limites arbitrariamente, e sim de acordo a regras que os adultos da família estabelecem juntos, assim como as regras de convivência estruturadas pela cultura em que vivem. Os limites deixam de ser só colocados arbitrariamente e viram uma ordem que norteia a família como um todo. Desse modo, os filhos terão de prestar atenção às datas de entrega de trabalhos que os professores estabelecem na escola para cumpri-las, aos horários estabelecidos pelo pai para estar prontos para sair para a escola, à forma de compartilhar as

brincadeiras, aclarando e criando uma nova ordem. As brigas podem ser substituídas pela ordem, pois talvez estivessem denunciando a grande desordem que havia, na qual todos ficavam no mesmo plano como se fossem iguais e os pais não conseguiam se posicionar como adultos orientadores desses filhos para inseri-los na cultura e no mundo social.

Sessão 11

Rosângela novamente fica fora da sessão, permanecendo em casa. Começam relatando que Gonzalo de novo teve problemas na escola com o menino que o provoca e ele não sabe se conter e dá socos nele, respondendo assim às provocações. A mãe diz que sempre que há briga seu filho está no meio e acha que ele procura estar no meio dos problemas, não sabendo ficar de fora. Depois falam das brigas em casa.

Mãe: "Hoje a minha sogra e o vô reclamaram de Gonzalo, dizem que ele é rude."

Pai: "Ele não respeita o vô, vou dar um tapa nele, eu já avisei que tem que respeitar se não vou bater nele."

Gonzalo: "O vô bebe o tempo todo e se estamos em casa assistindo a TV, ele chega e pega o controle pra ele, se eu estou assistindo ele tira o programa e troca para o que ele quer, sem perguntar."

Mãe: "Isso é falta de educação. À mesma bagunça que o pai faz, Pedro faz também. Temos uma TV em casa e ele chega e troca de canal. Uma coisa chama a outra, se uma pessoa é grossa a criança vira o espelho dela. Pedro quer impor limites o tempo todo, mas ele é rude e assim eles vão ser. Pedro parece com o pai, fala alto com violência, eles imitam o que ouvem."

Pai: "Tem razão, isso é verdade. Gonzalo é mais explosivo e eu tenho a personalidade dele."

Assistimos nesse momento a descrição do clima da casa dos avós que parece ser transposto, na figura de Pedro, para a nova família. Não se deu aqui a quebra das gerações, parecem ficar num *continuum* sem discriminação. Pedro transfere os maltratos de sua família de origem para a família atual; não vemos um corte entre uma família e a outra. A função paterna, deveria indicar espaços e lugares, ou seja, delimitar um espaço à parte para sua família atual. Só no rompimento com a família anterior Pedro poderia se constituir como pai na sua própria família.

Se os sujeitos que ocupam o lugar do pai são arbitrários e impõem uma ordem que só responde aos desejos pessoais, não se está instaurando a lei paterna que inclui os sujeitos na cultura e no social. Gonzalo, que pertence à terceira geração, desrespeita, pois ele é desrespeitado também; desrespeita a geração dos avós e denuncia o livre-arbítrio do avô junto com o alcoolismo que o transforma em um ser só autocentrado. Susana fala da impossibilidade de Pedro romper com a linhagem familiar, já que traslada o desrespeito e o maltrato. Mas a energia das gerações, procurando uma ordem, parece irromper na família na hora em que Pedro tem um *insight* do que ele está criando, pede desculpas e parece quebrar com a continuidade familiar, instaurando uma nova ordem, agora para a família em que ele é pai. O *insight* de Pedro é um momento muito importante, tanto para ele quanto para o resto da família; permitindo-lhe se constituir como pai e escolher junto de sua esposa qual é a ordem que vai criar na sua própria família. No mesmo ato parece conseguir se discriminar da família anterior, colocando-se lá no lugar da família de origem de sua infância; parece se estabelecer assim um antes e um depois, em um tempo passado e um tempo atual que foca no futuro.

24 *Pai:* "Meu pai é grosso."

Mãe: "Quando eu conheci Pedro, ele era inimigo do pai, estávamos namorando e a mãe escondia do pai, ele a agredia. Pai e filho não têm diálogo, vocês não conversam. Pedro também é bravo com a mãe dele, e ela é boazinha. Ninguém senta na poltrona do pai, ele é todo-poderoso, nem me cumprimenta. Eu achei que com o nascimento dos netos ele ia mudar, mas não foi assim. (Pedro fica cabisbaixo, triste frente ao relato de sua esposa.). Pedro é filho único e os dois netos podiam fazer companhia. Eu casei com a família de Pedro, eles ganharam dois netos, era para ser família."

Tomas: "O vô arrancou o cabelo da avó uma vez, eu vi."

Gonzalo: "Ele bateu nela na frente de outra pessoa porque queria vender a casa."

Tomas: "Ele xinga ela e ela faz companhia pra ele."

Gonzalo: "Ele xinga ela. Eu não morava com os avós. O vô me levou para lá na primeira semana de vida."

Pai: "Eu tenho que fazer um quarto para eles, eu quero eles na minha casa."

As gerações parecem começar a se diferenciar, e escutamos os netos falando dos avós, a nora denunciando aquilo que não tomaria para sua família e um filho falando daquilo que não compartilha na criação e da forma de vida que seus pais adotaram. Susana admite ter casado com a família de Pedro, e talvez tenha que assumir esse "suposto divórcio" para conseguir se colocar no lugar de mãe que cuida de sua criança, de seu marido e de seu rebanho como um todo.

Nesse trecho assistimos a um momento de *insight* de Gonzalo que parece responder às questões sobre o comportamento dele: briguento, sem limites e sempre estando presente no lugar errado. Ele conta de como foi tirado do colo dos pais, pelas mãos do avô, e foi levado para morar com os avós. Nenhuma figura parental se pôs na frente do avô para proteger Gonzalo e reivindicá-lo para si; eles

AS

não se opuseram ao roubo de um filho nem se colocaram no lugar parental, de mãe ou pai, com direitos próprios e de manter esse filho com eles.

Mãe: "O pai de Pedro não me viu grávida, ele não me levava na casa. Quando Gonzalo nasceu, ele me levou na casa e começamos a morar lá, o pai nem me conhecia.

Analista: "O que vocês fizeram para se defender de tudo isso?"

Mãe: "Pedro não dizia nada, só estava preocupado com o que os outros falavam. Eu o conheci e ele estava perdido, ele tinha tudo para ser feliz: uma família, escola particular, perua paga. Eu pensava em minha vida e comparava com tudo o que ele tinha, achava ele perdido. É o problema da família de Pedro. Pedro teve um irmão que morreu com 12 anos de câncer, amputaram a perna dele e era um menino muito bonzinho. Pedro tinha 14 anos e era rebelde. Todos viveram um imenso sofrimento, o pai culpa a mãe de não ter cuidado mais do filho, é um trauma. Quando eu entrei na casa deles vi que viviam um luto eterno, a foto do menino estava no meio da sala e a mãe chorava o tempo todo. Eu pedi para eles tirar a foto da estante e curtir o filho que eles sim tinham. Melhorou bastante, mas era um lugar sombrio a partir da morte do menino. Pedro era rebelde, mas melhorou muito."

Aqui compreendemos finalmente quais foram as questões transgeracionais que colocaram Gonzalo no lugar do neto que tinha que ser doado para a geração anterior. Ele parece ser o escolhido para ocupar o lugar do filho morto, aquela vaga tinha que ser preenchida por não aceitarem o vazio que a morte deixa, especialmente a morte de um filho de 12 anos. As brigas entre os avós denunciavam um luto não elaborado, e parece que os netos também não conseguiram fechar essa ferida, pelo contrário, eles se aderiram à briga constante como forma de denúncia e pedido de socorro. A análise resgata esse pedido de ajuda para tentar jogar luz

sobre o significado das brigas, pois na medida em que se faz consciente, deixa os sujeitos da família livres para fazerem as escolhas pessoais, de como ser e agir na vida, não tendo que tomar emprestado comportamentos de outros, não aceitos por eles.

Analista: "Será que vocês permitiram que Gonzalo e Tomas dormissem na casa dos avós para preencher a falta que eles tinham por causa da morte do filho?"

Mãe: "Se o carro quebrava..."

Pai: "...Eu chutava a porta do carro."

Analista: "Parece que contando tudo isso vocês estão se libertando da família de Pedro e do sofrimento deles para tomar contato com o amor que vocês têm em sua família compartilhando a dor no relato conjunto."

Mãe: "Por isso queremos voltar a viver todo mundo junto."

A mãe apresenta suas palavras agora para estabelecer um limite entre ambas as famílias e para trazer os filhos e o marido para perto; fazendo com que eles abandonem esse lugar de netos-filhos emprestados e de filho que não deixou para trás o lugar filial, para se construírem, agora sim, como filhos e esposo de Susana.

O clima emocional da sessão deixava transparecer esses momentos de angústia e finalmente um espaço de recolhimento e reconhecimento do carinho que percorre os membros da família, por escolha deles mesmos.

Na sessão 18, comparece a mãe com os quatro filhos, o pai está ausente pois teve de trabalhar. A mãe começa dizendo que hoje Cristina tem de falar sobre o namorado, pois está com muitas dúvidas e não reconhece se está namorando ou não, já que não sabe o que responder para ele.

Cristina: "Eu o tenho afastado, a gente voltou a conversar, mas...."

Mãe: "Ela não sabe o que fazer."

Cristina: "Eu não decidi ainda, não consigo falar para ele."

Tomás: "Eu pergunto e ela não responde."

Analista: "Cristina, por que você o afastou?"

Cristina: "Ele vai embora para o Espírito Santo por causa do trabalho e eu não sei se vale à pena. Ele vai embora."

Analista: "Você tem medo de perder ele?" (Cristina começa a chorar. Rosângela senta-se no colo dela e a abraça.)

Analista: "Você está evitando a despedida porque dói?"

Mãe: "Ela tem medo de sentir o abandono que está dentro dela, tem medo do abandono. Ela prefere nem começar o namoro para não sofrer. Isto tem a ver com o pai dela; a gente se separou e ele estava sempre presente, era um pai presente, mas ele se casou e esqueceu dela."

Analista: "Conte sobre os encontros com seu pai. Quando você o vê?"

Cristina: "De vez em quando eu ligo, se espero por ele..."

Mãe: "Ela chora."

Cristina: "Quando passa muito tempo volta a saudade. Ele podia ser mais presente, por isso não sei me relacionar com homens, nunca tive um pai presente, nunca uma presença masculina, fui criada por uma tia, a avó e minha mãe."

Mãe: "Mas também tem Pedro e os meninos."

Cristina: "Não é a mesma coisa. Um pai ensina como são os homens. Eu tenho uma irmãzinha, eu morei com meu pai, ele não me convidou, eu briguei com minha mãe e fiquei seis meses com ele. A gente se via mais, mas a madrasta não gostou e eu também quis voltar depois. Essa é minha família mesmo. Depois de morar com meu pai descobri que esta é minha família."

A partir desse ponto da sessão começam a resgatar os laços na família atual,

de como Pedro, padrasto de Cristina, cuida dela, de como Gonzalo e Tomas falam com ela e a apoiam, do modo como Rosângela lhe faz companhia; começaram a reparar os laços entre eles, para além da família biológica. O clima da sessão foi mudando até virar um clima de carinho e compreensão para emergirem as dores de cada um dos membros da família.

No discurso de Cristina presenciámos um momento de constituição e fortalecimento do laço familiar, tomando conta das escolhas que os sujeitos fazem também ao pertencer à família escolhida. Cristina nos diz da dificuldade de se relacionar com o sexo oposto; os irmãos, homens, dela estavam presentes, mas na hora foram ignorados como tais, parecia se tratar de um universo só feminino; os homens como referentes começam a fazer parte quando as mulheres dão um lugar para eles aparecerem. Susana traz a presença masculina para a filha dela, ainda não se tratando dos laços de sangue, privilegia os laços de escolha da família reconstituída da qual eles fazem parte. Cristina permite-se chorar pela distância que o pai biológico dispôs entre eles, e só na elaboração do luto pelo afastamento do pai é que ela consegue enxergar outros homens como modelos, abandonando, dessa forma, modelos sociais que estabelecem uma família só quando unida pelos laços de sangue.

Essa passagem da família tradicional unida pelos aspectos biológicos, tal como o social dita, para a família agrupada, constituída pela escolha dos sujeitos, permite a eles se enxergarem como um núcleo familiar do qual todos fazem parte. Estamos assistindo ao fortalecimento dos laços dentro de uma família típica do século XXI, momento em que as famílias, em sua pluralidade, são definidas e tomadas pelas escolhas subjetivas que os seus membros estabelecem. Até esse momento Cristina se autoexcluía dessa família, talvez pensando estar traindo o pai biológico se escolhesse a família atual como lugar de pertencimento, mas sem per-

ceber que o pai biológico também tinha se permitido fazer outra escolha, pela família atual dele. Só no abandono de vínculos anteriores é que se abre uma brecha para a criação e constituição de novos vínculos, tanto dentro da família agrupada quanto nos vínculos sociais, fora da família.

Cristina, ao mesmo tempo em que se constitui como membro da família atual, representa a união de todos num vínculo, criando no gesto inaugural de saírem pela primeira vez todos eles de férias, para terem momentos de lazer, um espaço de confraternização e encontro para fortalecimento dos laços. Os vínculos filiais têm espaço para se desenvolver mais no momento em que o aconchego, o apoio e a presença dos meios-irmãos fortalecem os laços entre eles; assim, Rosângela a abraça e tenta amenizar a angústia; Gonzalo e Tomas se apresentam como modelos masculinos a serem considerados, mesmo sendo ainda meninos.

Na possibilidade de ter assegurado um vínculo familiar que ata e enlaça é que podem começar a ser procurados vínculos no social e na cultura, fora dos vínculos endogâmicos que a família tem. A saída à exogamia delimita dois universos: um do convívio da infância e outro de escolha e convívio de momentos de menos dependência das figuras parentais e escolha por sujeitos que operam como terceiros, diferentes, vindo da cultura como espaço exterior à família. A possibilidade de passagem de uma instância à outra permite aos sujeitos um crescimento dentro dos vínculos, assim como um crescimento pessoal de cada um deles na vincularidade. Os outros aparecem agora como alavanca para permitir a inserção em um mundo novo, assim como ocorre nos campos da cultura, do social e dos espaços transsubjetivos.

Nesse sentido, Gaspari e Waisbrot afirmam que:

A experiência de uma análise vincular permite visibilizar de que modo o encontro-desencontro com o outro real gera transformações na subjetividade, além de uma

coagulação da identidade, e revela a insistência repetitiva que envolve e emaranha o conjunto. (GASPARI e WAISBROT, 2011, p.17)

Sessão 25

Na sessão 25, último encontro antes das férias, Cristina comunica à família que decidiu dar um presente para todos, que está juntando dinheiro de seu salário para levar a família a um sítio por três dias no *Réveillon*. Antes de acabar a sessão, Pedro fica em pé e dá um grande abraço em Cristina na frente de todo o grupo familiar, agradecendo pelo presente. Foi um momento muito emotivo dentro da sessão.

Essa situação nos faz refletir sobre as diversas famílias da atualidade: reconstituídas, agrupadas, famílias em arco-íris ou famílias do tipo "os meus, os seus e os nossos". Cristina é a filha de Susana e decide presentear a família toda com um passeio em conjunto. Pedro é o padrasto que afetuosamente agradece o presente. Esse abraço é muito significativo, pois sela um vínculo que fala de uma escolha: Cristina presenteia a família se sentindo parte dela. Vemos como os vínculos vão além dos aspectos biológicos; trata-se de escolhas e de construir laços que podem se constituir ou não, já que são providos pela escolha. Cristina nesse ato se faz parte da família, compartilhando com eles, que também a acolhem através do abraço de Pedro. Eles representam um dos tipos de família atual, marcados não só pela genealogia e sim pela escolha mútua. Os sujeitos podem escolher ou não pertencer a esses vínculos, constituírem-se uma família por opção e não assinalada só pela biologia. Defrontamo-nos assim com vínculos de eleição, o que permite abrir um leque de possibilidades dentro dos diferentes formatos de famílias da atualidade. O sentimento de pertencimento é o que sela os vínculos familiares

e nele cada sujeito tem uma grande implicância, já que pode pertencer ou não, sendo uma questão de escolher a que núcleo pertencer.

Finalizamos o relato deste trabalho vincular com a família, esclarecendo que muito se teria a continuar, descobrir e analisar, e que abarcamos apenas um eixo dos muitos que poderiam ter sido contemplados, sendo este o olhar analítico desenvolvido por esta psicanalista em especial.

Referências

BERENSTEIN, I. Grupo de família AAPPG. In: *Cuatro familias, veinte terapeutas*. Buenos Aires: Letra Viva, 2011.

BERENSTEIN, I.; PUGET, J. *Psicoanálisis de la pareja matrimonial*. Buenos Aires: Paidós, 1988.

_____. *El sujeto y el otro. De la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GASPARI, R.; WAISBROT, D. *Familias y parejas. Psicoanálisis, vínculos, subjetividad*. Buenos Aires: Psicolibro, 2011.

WHITMAN, W. *Folhas de relva* (1855). São Paulo: Martin Claret, 2006.